

Boletim

Nº 2.008 - Ano 44 - 12 de março de 2018

ABERTA PARA BALANÇO

Em entrevista, o reitor Jaime Ramírez e a vice-reitora Sandra Goulart Almeida fazem um balanço da gestão 2014-2018, marcada por avanços em áreas como ensino, pesquisa, extensão, inclusão e assuntos estudantis, em meio a um cenário de crise política e restrições orçamentárias.

Páginas 4, 5 e 6

UFMG conclui CAD 3, nova moradia
e anexo da Faculdade de Farmácia

Página 3

EDUCAÇÃO ANTROPOFÁGICA

Marcos Fabrício Lopes da Silva*

Sugerimos, como hipótese, considerar a educação antropofágica como proposta pedagógica relevante e extremamente necessária para a vida em plenitude criativa. Por antropofagia, entendemos a habilidade modernista e moderna de construir o novo em diálogo criativo com a tradição. Por tradição, compreendemos aquele legado que se presentificou para o bem da razão e da emoção articuladas. Modernidade, em linhas gerais, significa a novidade movida à historicidade. No universo brasileiro, destacar o modernismo como modernidade específica, em escala literária e cultural, significa reconhecer o importante papel de ações artísticas na relativização do horizonte erudito pela sabedoria do coloquialismo popular, irreverente e inventivo.

Há que se considerar também o papel da ironia nessa projeção expressiva, que possibilitou fundamentar um dispositivo intelectual e emocional arejado em matéria de humor e sátira. Foi possível, partindo, por evidência consagrada, da Semana de Arte Moderna de 1922, contar publicamente “segredos de liquidificador” que vitaminaram o Brasil, evitando a fórmula ufanista-romântica. Assim, o senso crítico voltado para o “Brasil Profundo” saiu fortalecido nas construções literárias e artísticas daquele tempo, desdobrando-se positivamente na contemporaneidade. A nação se agigantou graças a um estatuto estético-político mais localizado e universal, ao mesmo tempo. Fez-se diálogo fecundo com as vanguardas europeias, com desenvoltura mais independente. A subserviência ideológica foi deixada mais de lado. Entrou em campo um tipo de originalidade, que angariou combinações inusitadas de autorias múltiplas.

À luz do tropicalismo autêntico desenvolvido por Tom Zé, é possível ler o modernismo como excelência do atrito, marcada por duas linhas de força criadora: “a era autoral” e “a era do plagicombinador”. Penso, nesse caso, no saboroso *slogan* promovido no Movimento Antropofágico, que serviu de linha coletiva e, portanto, orgânica para orientar as autorias modernistas: “*Tupi or*

not tupi. That's the question!”. Desse modo, antropofagicamente, Shakespeare e Lima Barreto foram assimilados com despojamento inaugural impressionante. Em relação ao dramaturgo inglês, ficou para a história o dilema clássico trazido por *Hamlet*: “*To be or not to be! That's the question!*”. O adágio em destaque põe em cena o questionamento existencial da condição humana: uma espécie de pêndulo que ora gravita para o sentido da autenticidade, ora caminha para o polo da dissimulação. Angustiado com a podridão imoral que tomava conta do Reino da Dinamarca, Hamlet percebeu que sua família, tomada pela cobiça do poder, diminuiu a chama do “ser” para ficar com os holofotes do “ter”, isto é, do “não ser”.

Os modernistas, tais como Mário e Oswald de Andrade, trouxeram esse clima especulativo para revisar a história brasileira, repercutindo um ângulo rico no tocante à poética da diversidade: nós, brasileiros, assumiremos autenticamente nossa formação indígena com respeitosa alteridade ou continuaremos a promover genocídios impostos aos povos originários, desde a bárbara colonização que se instalou em nossas terras? Convém destacar que o tema já havia sido trabalhado pelo autor pré-modernista Lima Barreto, ao construir corajosamente o personagem Policarpo Quaresma, um defensor apaixonado do idioma tupi-guarani como língua autenticamente brasileira.

Abrangente, a antropofagia como virtude educacional pode também interligar os campos da política e do esporte. O *slogan* “*Yes, we can!*” deu sustento simbólico à vitória de Barack Obama como primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. Em bom português, o referido lema significa: “Sim, nós podemos!”. Uma bela estratégia de marketing trouxe à tona o empoderamento coletivo representado pela ascensão da comunidade afrodescendente ao poder central que também lhe é de direito. Foi a realização, nas urnas, do desejo libertário do grande líder Martin Luther King: “Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma

nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter”.

No futebol, a torcida do Clube Atlético Mineiro (CAM) apropriou-se antropofagicamente do refrão estadunidense para bordar o canto *Yes, we CAM!..*. Construiu-se o mantra perfeito que levou o Galo ao maior título de sua história: a conquista da Taça Libertadores da América, em 2013. Criativamente, a torcida consolidou o arquétipo de que o Clube Atlético Mineiro logo representa potência coletiva triunfante. É justo perceber, nessa ordem, o diálogo frutífero, envolvendo esse fato contemporâneo e a tradição salutar. Nos anos 1970, em plena ditadura militar, o ídolo atletícano Reinaldo comemorava seus gols reproduzindo o gesto do movimento Panteras Negras (coletivo empenhado na luta contra o racismo nos Estados Unidos): o artilheiro erguia o braço e cerrava o punho.

Em termos de pensamento crítico, as reflexões aqui arroladas ganham alto estofo no livro *Vale quanto pesa* (1980), escrito por Silviano Santiago. A educação antropofágica rejeita o binômio fonte-influência (paradigma autocrático) para abraçar o livre fluxo da confluência (paradigma democrático). Nas palavras do eminentíssimo pesquisador: “faz-se necessário que o primeiro questionamento das categorias de fonte e influência, categorias de fundo lógico e complementar usadas para a compreensão dos produtos dominante e dominado, se dê por uma força e um movimento *paradoxais* que, por sua vez, darão início a um processo tático e desconstrutor da literatura comparada, quando as obras em contraste escapam a um solo histórico e cultural homogêneo”. Portanto, graças à educação antropofágica, colocou-se em xeque “a verdade da universalidade colonizadora”, que, por sua vez, promoveu “a verdade da universalidade diferencial”.

* Professor da Faculdade JK, no Distrito Federal. Jornalista, poeta e doutor em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG.

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

NOVOS em FOLHA

Comunidade universitária ganha prédios para aulas e moradia; na Farmácia, foi concluído o bloco administrativo

Itamar Rigueira Jr.

AUFMG inaugura três obras neste mês de março. Os estudantes de graduação e pós-graduação em Ciências Exatas passarão a contar com novo espaço para aulas. O Centro de Atividades Didáticas 3 (CAD 3), localizado entre o Departamento de Química e o Anexo U do Instituto de Ciências Exatas (ICEx), no campus Pampulha, poderá atender cerca de nove mil alunos. A Faculdade de Farmácia, por sua vez, já pode utilizar o bloco administrativo, e, assim, liberar espaços para as atividades de ensino e pesquisa. E a comunidade da UFMG ganha também a Moradia Universitária 3, no bairro Ouro Preto, que eleva em mais de 50% a capacidade de abrigar estudantes e visitantes.

O CAD 3 possui três salas com 50 lugares, 22 salas de 70 lugares e oito auditórios com 150 cadeiras. Dois pares desses auditórios podem ser transformados em dois anfiteatros para cerca de 300 pessoas.

Concebido pela equipe de arquitetos da UFMG, o prédio tem área total de 27,3 mil metros quadrados e área construída de 10,6 mil metros quadrados, dividida em dois blocos (um para os auditórios e outro para as salas de aula). A configuração interna inclui uma sala de demonstração (para atividades de física, por exemplo) e espaços de apoio.

A obra foi iniciada em outubro de 2012, por empresa selecionada em licitação. De acordo com o pró-reitor de Administração, Mario Montenegro Campos, em razão de cortes e limites de orçamento das universidades federais a partir de 2014, os trabalhos foram interrompidos em 2015 e só foram retomados em dezembro de 2016. "As restrições orçamentárias e, principalmente, a inconstância no recebimento de recursos financeiros nesse período forçaram a UFMG a paralisar as obras", explica Campos.

O diretor do Instituto de Ciências Exatas (ICEx), Antonio Flávio Alcântara, conta que é grande a expectativa pela inauguração do CAD 3. Segundo ele, ao menos 20 salas de aula do prédio do ICEx serão liberadas com a transferência das atividades didáticas para o novo prédio. "Esses ambientes serão transformados em laboratórios

de pesquisa e de informática, propiciando o aprimoramento do ensino, incluindo a pós-graduação", diz o diretor, lembrando que o Instituto reúne mais de mil alunos nos programas de pós. "Temos enorme dificuldade de agendar defesas de teses e dissertações."

Moradia

Com a inauguração da Moradia Universitária 3, no Bairro Ouro Preto, a UFMG passa a oferecer 1.018 vagas para estudantes que não residem na região metropolitana, o que representa aumento de capacidade superior a 50%. A nova unidade tem 386 quartos individuais, distribuídos em dois blocos, e 45 apartamentos. A área construída é de 8,4 mil metros quadrados. Há um terceiro bloco destinado a uso comum.

O bloco 1 tem cinco pavimentos, e o bloco 2, quatro. Todos os pavimentos têm cinco unidades habitacionais, cada uma delas com quartos individuais, sala, cozinha, banheiros e área de serviço. A área dos apartamentos varia de 150 metros quadrados (para oito moradores) a 162,75 metros quadrados (para nove pessoas).

Os prédios contam com seis elevadores, sistema de aquecimento de água por energia solar e equipamentos que aproveitam a água da chuva para determinados tipos de consumo.

A obra, também concebida pela equipe de arquitetos da UFMG, foi realizada com base em dois convênios firmados com a Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump), responsável pela execução, ao custo total de R\$ 30,6 milhões.

Farmácia

Na Faculdade de Farmácia, foi inaugurado, na semana passada, o bloco administrativo, que ocupa o primeiro pavimento do bloco 1 da unidade, em área de 325 metros quadrados. O espaço, construído junto ao edifício que passou a sediar a faculdade em 2004, será ocupado agora pelas salas da Congregação, diretoria, secretaria geral, setores de contabilidade, compras e superintendência administrativa.

As intervenções, realizadas pela Pró-reitoria de Administração por meio da equipe do Departamento de Manutenção e Operação da Infraestrutura (Demai) e com orçamento próprio da UFMG – ao custo de cerca de R\$500 mil –, incluíram instalações sanitárias, elétricas e de rede de dados, implantação do sistema de ar-condicionado, pintura e instalação de pisos e forro, entre outros serviços. As obras, iniciadas em 2017, foram reivindicadas à Reitoria em 2012, no início da última gestão da Faculdade de Farmácia, liderada pelo professor Gerson Pianetti.

"Agora os espaços nobres do ensino serão liberados para sua finalidade original. Durante todos esses anos, setores administrativos ocuparam salas destinadas a aulas, departamentos acadêmicos, gabinetes de professores. Será criado espaço, por exemplo, para a sala de modelagem química, que nunca fora instalada devidamente", explica a professora Leiliane Coelho André, diretora da Faculdade.



CAD 3: área construída de 10,6 mil metros quadrados dividida em dois blocos

'A UFMG manteve a coesão, a ALTIVEZ e a AUTONOMIA'

Em um cenário marcado por crises econômica e político-institucional, chega ao fim, nesta semana, o mandato do reitor Jaime Ramírez e da vice-reitora Sandra Goulart Almeida. Eles assumiram a Reitoria da UFMG em março de 2014, com um eixo programático que reunia, entre outras propostas, a revalorização do ensino de graduação e o fortalecimento da pós-graduação e pesquisa, a implantação de uma política de assuntos estudantis, o aperfeiçoamento da gestão de recursos humanos e do uso dos campi e o respeito à autonomia universitária. "A UFMG melhorou todos os indicadores acadêmicos e se posicionou com altivez nos momentos mais agudos da crise econômica e político-institucional", avalia Ramírez nesta entrevista, na qual ele e a professora Sandra fazem um balanço da gestão 2014-2018.

Às vésperas de assumir a UFMG, em 2014, os senhores indicaram, em entrevista ao BOLETIM, uma agenda prioritária de temas. Que balanço fazem do cumprimento dessa agenda?

Jaime – Em certa medida, todos os itens do nosso programa foram contemplados e apresentaram resultados. A questão do ensino de graduação, por exemplo, ocupou o centro da agenda sob diferentes aspectos. A UFMG revisou e aprovou novo conjunto de normas acadêmicas, o que não era feito desde 1990. Esse arcabouço deixa o ensino de graduação mais flexível, contemporâneo e sintonizado com os desafios do século 21, tornando-o uma referência no Brasil. Foram muitas as ações que contribuíram para o aprimoramento da graduação, como as formações transversais, as atividades acadêmicas complementares para estudantes do turno noturno e o aprofundamento da articulação entre graduação e pós-graduação para permitir que os estudantes, ao fim do curso, façam disciplinas da pós-graduação com a devida creditação. A avaliação da graduação melhorou: a UFMG é uma das quatro universidades federais com nota máxima (5) tanto no Índice Geral de Cursos (IGC) quanto no Conceito Institucional, avaliação feita in loco a cada 10 anos. Na avaliação anterior, em 2007, a UFMG era nota 4.

Sandra – Essa articulação também alcançou a extensão como produtora de conhecimento indissociado do ensino e da pesquisa. Valendo-se da estrutura de redes interdisciplinares sobre temas emergenciais, a nossa área de extensão desenvolveu relevante trabalho com diferentes atores da sociedade. A Política de Saúde Mental surgiu, por exemplo, da Rede de Saúde Mental. A resolução de direitos humanos também atrelou-se ao trabalho da rede de direitos humanos. O mesmo ocorreu com o Programa Participa Mariana – Rio Doce [resultado de parceria com as universidades federais

de Ouro Preto (Ufop) e do Espírito Santo (Ufes), a iniciativa articula ações de pesquisa e extensão que beneficiam as comunidades afetadas pelo rompimento da Barragem do Fundão, em Mariana]. A divulgação científica também se fortaleceu com ações integradas de comunicação, pesquisa e extensão promovidas pela Instituição. A Universidade também fez um movimento importante de aproximação com a educação básica por meio de parcerias com órgãos municipais, estaduais e federais.

Jaime – Do ponto de vista da pesquisa e da pós-graduação, nossa avaliação é de que a UFMG avançou de forma consistente. A Pró-reitoria de Pós-graduação manteve trabalho contínuo de apoio e acompanhamento dos programas e, mesmo nos momentos de contingenciamento, a Universidade instituiu um fundo para prover recursos para os programas que enfrentaram algum grau de dificuldade. O resultado foi positivo. Prova disso é a avaliação quadrienal [2013-2016] da Capes, divulgada no ano passado. A UFMG tem 43% dos seus programas avaliados com notas 6 e 7, e eles estão distribuídos em todas as áreas do conhecimento. Se incluirmos os cursos com nota 5, a máxima para o mestrado, esse percentual vai a 68%.

Como a pesquisa conseguiu manter-se em alto nível em um cenário de investimento decrescente?

Jaime – Mesmo com a restrição financeira, a UFMG conseguiu preservar o apoio aos professores recém-contratados e encontrar meios para agilizar a utilização dos recursos pelos professores. As agências de fomento suspenderam editais de financiamento de pesquisa de professores em início de carreira. Desde 2016, o CNPq, por exemplo, não lança um edital universal. Por isso, a contrapartida da instituição foi muito importante para apoiar os recém-contratados. Outro avanço na área de pesquisa e inovação deu-se no

O contingenciamento de recursos para investimentos e pesquisa, as ocupações estudantis de 2016 e a recente operação da Polícia Federal relativa à construção do Memorial da Anistia foram alguns episódios turbulentos superados com "diálogo com as instâncias colegiadas e com a comunidade", afirma Ramírez. "A maior honra para mim foi ter recebido a responsabilidade da comunidade da UFMG para conduzi-la nesse período. Saio com a sensação de dever cumprido", resume o reitor.

Escolhida pela comunidade acadêmica para comandar a Universidade no quadriênio 2018-2022, a professora Sandra Goulart Almeida afirma ter convicção de que a instituição está pronta para enfrentar os próximos desafios. "A UFMG é grande, é sólida, tem história e respeita o trabalho das gerações passadas", justifica.

plano administrativo. A CTIT [Coordenadoria de Transferência e Inovação Tecnológica] reforçou sua ligação com o ensino, pesquisa e extensão à luz do novo marco legal da inovação, que está regulamentado. A UFMG saiu na frente e aprovou uma resolução na qual a CTIT foi transformada em uma diretoria específica, ligada ao gabinete do Reitor e não mais à Pró-reitoria de Pesquisa, mas que continua prestando contas ao Cepe [Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão]. Ela ganha agilidade administrativa e pode, por exemplo, contratar uma fundação de apoio. Ainda nessa área, aprovamos uma resolução que regulamenta os Laboratórios Institucionais de Pesquisa. Muitos editais passaram a exigir que a Universidade adotasse um cadastro dos laboratórios institucionais de caráter multiusuário, aqueles que atendem a mais de uma área de conhecimento. A internacionalização também evoluiu. Expandimos nossas relações para regiões onde havia poucos convênios, como a Ásia Oriental, países dos Brics [agrupamento econômico formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul] e Austrália. Em 2014, tínhamos 393 acordos, número que passou para 566 em 2017, diversificados em parcerias estratégicas para a instituição.

Que peso a gestão deu aos assuntos estudantis?

Jaime – A Universidade já estava discutindo uma política com essa finalidade. No fim de 2014, aprovamos a criação da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae), estruturada em três eixos: assistência estudantil propriamente dita, ações afirmativas e apoio acadêmico.

Sandra – A política de assuntos estudantis reúne vários atores, como a própria Prae, e é articulada com as outras pró-reitorias e com a Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump), braço executor da assistência. E apesar da restrição orçamentária, pudemos

ampliar o número de estudantes assistidos, que hoje chega a mais de oito mil. Também estamos entregando a Moradia 3 [unidade localizada no bairro Ouro Preto, em Belo Horizonte, que oferece 386 vagas]. Durante a gestão, também ampliamos o apoio a estudantes nos restaurantes universitários. Foi mantida a gratuidade para os assistidos pela Fump (nível 1), e os preços das refeições para os estudantes assistidos II e III foram reduzidos. Além disso, ações de apoio específico a projetos acadêmicos, como o Redigir, e também no campo das ações afirmativas foram implementadas. A preocupação com a inclusão esteve sempre atrelada a ações que visavam apoiar a permanência.

Percebe-se que a gestão de RH trabalhou no sentido de racionalizar processos. Quais as medidas mais importantes?

Jaime - Os professores foram beneficiados com a criação de dois modelos de relatório: o Relatório Docente (Redoc), que substitui o Sistema de Informações Acadêmicas (INA), e o Recad (Relatório Acadêmico Consolidado Departamental), que sucede o relatório individual. São ferramentas simplificadas que possibilitam à Universidade reunir dados mais apurados e consubstanciados, de forma mais centralizada, sobre as atividades desenvolvidas em cada departamento. Em relação aos servidores técnico-administrativos, foi adotada uma política de recursos humanos que inclui proposta de capacitação, nova sistemática de avaliação do estágio probatório e do desempenho do servidor no início da carreira. Por fim, consolidamos uma metodologia de avaliação de desempenho.

Em áreas estratégicas, adotamos a jornada de 30 horas, seguindo a legislação vigente, por entender que a medida é importante não apenas para a instituição, mas também por reconhecer que há especificidades em alguns setores.

Sandra - A jornada de 30 horas vai ao encontro da necessidade da instituição, pois oferece apoio no período noturno, para dar condições de pleno funcionamento dos cursos.

A autonomia universitária é outro ponto que os senhores pretendiam priorizar em seu programa de gestão...

Jaime - Tivemos a altivez de manter a autonomia universitária nos momentos em que foi demandada uma decisão ou posição não apenas da instituição, mas, individualmente, de um de nós dois [ele e a vice-reitora Sandra Goulart Almeida]. Logo no início do mandato, durante a realização da Copa do Mundo [em 2014, no Brasil], havia a dúvida se o campus Pampulha seria utilizado para outros fins [estacionamento, embarque e desembarque de torcedores] que não os de um campus universitário. Encontramos uma alternativa que atendeu à própria comunidade e, ao mesmo tempo,



Jaime Ramírez e Sandra Goulart Almeida: aprimoramento de todos os indicadores acadêmicos

dialogamos com os governos estadual e federal e demonstramos que o espaço não era apropriado para o uso pretendido por essas instâncias. A UFMG atuou também como polo de reflexões importantes durante esse período, como na ocasião em que foi votada a PEC dos gastos públicos [aprovada como Emenda Constitucional em dezembro de 2016]. A UFMG não se furtou ao papel de mostrar para a sociedade o efeito desastroso que essa PEC traz para as instituições de ensino superiores públicas e para a ciência e tecnologia do país.

Sandra - A reunião da SBPC, realizada em julho de 2017, também foi marcada por reflexões sobre o impacto dos cortes orçamentários para as instituições de ensino superior. Os seminários sobre os desafios contemporâneos [parte da programação dos 90 anos] suscitaram discussões importantes. Houve também o evento realizado em parceria com o Grupo Montevideo [em setembro do ano passado], também sob a perspectiva do papel e dos desafios da educação superior pública na América Latina. E, por fim, o seminário sobre as Humanidades [Conferência Internacional Sul-Americana: Territorialidades e Humanidades], organizado numa perspectiva transdisciplinar e internacional.

Como avalia a gestão dos campi da UFMG e sua abertura para a comunidade?

Jaime - Houve um aprofundamento da interação do campus Pampulha com a comunidade, por meio do Domingo no Campus, da UFMG Jovem e da Mostra das Profissões, que voltou a ser realizada presencialmente. Também trouxemos o Festival de Inverno de volta para Belo Horizonte. Todavia, gostaríamos de ter avançado mais em relação a uma política para os campi, com uma gestão mais integrada. Ela começou a ser desenvolvida, mas esbarrou em limitações financeiras.

Sandra - Uma importante política que adotamos foi pensar a Universidade e sua relação com a cidade, por meio de atividades acadêmicas, culturais e artísticas que procuraram congregar a comunidade da UFMG e as comunidades externas, ao mesmo tempo

que trouxemos para os campi o saber tradicional de outras comunidades em interação com o conhecimento aqui produzido.

Até 2014, o país vivia uma relativa estabilidade política, econômica e social. A partir das últimas eleições, houve uma rápida deterioração desse quadro, que culminou com o afastamento da presidente Dilma Rousseff antes do término do mandato e uma grave crise político-institucional. Em que medida a sua gestão foi influenciada por esse cenário?

Jaime - Não poderíamos imaginar um cenário tão adverso quando assumimos. Esse quadro afetou sobremaneira a gestão, já a partir do fim de 2014, quando recursos da ordem de R\$ 30 milhões, já aprovados no orçamento, foram bloqueados pelo governo federal. Nos anos seguintes, não apenas houve uma redução no orçamento como também os valores aprovados foram seguidamente contingenciados. Felizmente, adotamos medidas fundamentais para vencermos os quatro anos. No fim de 2014, quando percebemos que a situação econômica do país havia se alterado e que haveria contingenciamento pela frente, imediatamente efetuamos alguns cortes de despesas e redefinimos o andamento das obras. Foi uma decisão difícil, mas tomada na hora certa em conjunto com os órgãos colegiados e que acabou gerando impacto para toda a Universidade. Não havia outra solução. Caso contrário, teríamos que acumular dívidas de um ano para o outro, o que comprometeria a gestão de maneira geral. A redução de gastos concentrou-se essencialmente na Administração Central, mas também repercutiu nas unidades, alcançando postos de serviços terceirizados – manutenção, limpeza e portaria. O impacto, no entanto, foi amenizado porque priorizamos as atividades acadêmicas (sem reduzir bolsas e assistência estudantil) e preservamos os recursos para custeio nas unidades. A partir de 2016, nossas contas entraram em relativo equilíbrio e fechamos o exercício de 2017 pagando todos os fornecedores. Não vamos deixar nenhuma dívida.

Além dos problemas de ordem econômica, a crise político-institucional do país permeou toda a gestão. A sociedade ficou dividida em relação à deposição da presidente em 2016, e a comunidade universitária também. Mas soubemos respeitar a diversidade da comunidade, preservando a coesão da instituição e conduzindo a solução dos conflitos nos momentos agudos e de crise.

Sandra – É importante destacar que, antes da crise, as instituições de ensino superior atravessavam um momento muito favorável, marcado pela adoção do Reuni, programa que possibilitou a ampliação física das universidades. Com a crise, a política que vinha sendo implementada pelas gestões anteriores foi prejudicada. Assim, enfrentamos o desafio de equacionar a consolidação de um processo de expansão e de inclusão das universidades públicas que, de certa forma, foi frustrado com essa ausência de financiamento. Mas acreditamos que conseguimos, de maneira respeitosa, atender aos anseios da Universidade e trabalhar com os recursos disponíveis.

Jaime – Há um aspecto que ilustra um pouco a dificuldade que enfrentamos. Nesse período, o país teve seis ministros da Educação. Como se estabelece uma relação para a formulação de políticas se você tem praticamente dois ministros a cada ano? Com alguns deles me reuni apenas no momento da posse. O ministro Cid Gomes ficou dois meses no cargo. O professor Renato Janine também ficou muito pouco tempo.

O contingenciamento foi o principal adversário de sua gestão?

Jaime – Do ponto de vista econômico, sim. E ele nos forçou a definir prioridades, sempre em acordo com os diretores das unidades acadêmicas. Decidimos concentrar recursos para terminar obras que atenderiam à universidade integralmente, e não unidades em particular. Por isso, concentrarmos recursos no CAD 3 [Centro de Atividades Didáticas de Ciências Exatas] e na Moradia 3. O Centro de Pesquisas em Ciências Agrárias, em Montes Claros, foi ampliado e, com recursos da própria UFMG, as obras da parte administrativa da Faculdade de Farmácia, que estavam paradas desde 2004, foram concluídas. Em nossa gestão, também entregamos o Anexo U do ICEX [Instituto de Ciências Exatas] e o Centro de Treinamento Esportivo [CTE]. Também foram executadas a modernização da área de produção dos restaurantes Setorial 2 e do campus Saúde e a reforma do quarto andar e de laboratórios do Nupad [Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico], da Faculdade de Medicina.

Sandra – Diferentemente do que é publicado em alguns veículos da mídia, gestão não é o problema das universidades públicas. Sim, temos uma gestão complexa, mas está demonstrado que a UFMG é muito ciosa com o orçamento, séria, comprometida com os

ideais e com os princípios que orientam uma instituição pública.

Que temas ganharam força ao longo do mandato?

Jaime – A Universidade precisa contribuir para enfrentar os desafios postos à sociedade. Sob essa ótica, privilegiar a inclusão, os direitos humanos e a cidadania foi fundamental. A UFMG já desenvolvia ações nessas áreas, mas trabalhou para estruturar esse conjunto de demandas em um eixo prioritário e articulou uma política. No caso do trote, não criamos apenas uma resolução proibitiva. Esse tema também foi abraçado pela gestão e pela comunidade como uma política. A resolução do nome social [que assegura a docentes, servidores técnico-administrativos e discentes, cujo nome de registro civil não reflete sua identidade de gênero, o direito de inclusão do nome social nos registros da vida funcional acadêmica] e a extensão das ações afirmativas para a pós-graduação foram outras ações importantes. O fato é que o eixo direitos humanos, inclusão e cidadania ganhou dimensão ao longo do mandato. E o mais importante: articulado com as atividades acadêmicas e em ações transversais.

Sandra – Nessa área, acredito que registramos um grande avanço em termos de política institucional. Vale destacar, ainda, a criação do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) e da Diretoria de Governança Informacional (DGI), que assumiu a gestão da Lei de Acesso à Informação e a Ouvidoria. A inclusão também foi pensada em relação a várias áreas da universidade, como o intercâmbio internacional. A cultura foi outro eixo muito importante. Essa dimensão ganhou espaço como atividade formativa, aliada ao ensino, à pesquisa e à extensão. Em nosso entendimento, produção cultural é produção de conhecimento, e o fortalecimento da Diretoria de Ação Cultural foi fundamental para construir uma política integrada ao projeto de ensino, pesquisa e extensão da UFMG. O projeto Muitas Culturas nos Campi procurou articular as várias ações realizadas não apenas pela Administração Central, mas também as propostas por vários espaços e equipamentos.

Quais foram os momentos mais difíceis do mandato?

Jaime – Enfrentamos dificuldades internas que foram reflexos de questões externas. Logo no início do mandato, em 2014, por ocasião da Copa do Mundo, ocorreu a invasão do prédio da Reitoria. Foi um acontecimento tenso, mas soubemos lidar com a situação contando com o apoio da equipe e da comunidade. Outro momento agudo foram as ocupações estudantis [no fim de 2016]. Um fenômeno que também refletiu o que ocorria na sociedade, mas com contornos distintos por envolver uma instituição de ensino superior. Houve tanto congregações de unidades que se reuniram e emitiram posicionamentos

favoráveis ao movimento – e não foram poucas – quanto unidades cuja posição majoritária era contrária à ocupação. Foi difícil encontrar um equilíbrio entre diretores e órgãos colegiados para alcançar um desfecho favorável. Esse episódio exigiu muitas reuniões, diálogo e, sobretudo, respeito à diferença e à diversidade. Além disso, esses quatro anos foram marcados por três greves de servidores técnico-administrativos, episódios que impactaram a rotina da Universidade.

Sandra – Nesses momentos de dificuldade, procuramos sempre o caminho do diálogo produtivo e democrático e o respeito aos órgãos colegiados que devem necessariamente balizar a atuação de uma universidade pública como a UFMG.

A operação Esperança equilíbrista, da Polícia Federal, referente ao projeto do Memorial da Anistia também pode ser incluída no elenco de dificuldades?

Jaime – A data de 6 de dezembro [de 2017] certamente vai ficar marcada na memória pessoal e institucional. Observe o seguinte contexto: já tínhamos concluído o processo eleitoral, a professora Sandra [Goulart Almeida] estava eleita no segundo turno e faltava apenas o Colégio Eleitoral se reunir para ratificar a escolha da comunidade. Tínhamos feito a última reunião de equipe para estabelecer diretrizes para o término da gestão e a transição para o novo mandato. Em momento algum, fomos chamados para prestar esclarecimentos sobre o Memorial da Anistia. Se tivéssemos sido intimados, lá teríamos ido. Quanto à obra do Memorial da Anistia, é preciso deixar claro que a Universidade foi convidada a executá-la pelo Ministério da Justiça em gestões anteriores. Como aconteceu em outras situações, a UFMG se prontificou a executar o projeto. Em relação à exposição *Desconstrução do esquecimento*, avaliamos que era nosso dever, como instituição pública de ensino, inaugurar-la, uma vez que foi produzida e montada segundo orientações e regras do Ministério da Justiça. Não comentarei a operação em si, pois o processo tramita em sigilo.

Sandra – Estamos convictos da nossa inocência, com a consciência tranquila e com a certeza do dever cumprido. Confiamos que as apurações elucidarão todas as circunstâncias. A UFMG mantém-se, como sempre, à disposição das autoridades competentes.

A UFMG está preparada para enfrentar os desafios postos em seu caminho?

Jaime – A UFMG possui uma máquina azeitada para retomar projetos paralisados, como as obras inconclusas. Estou convicto de que a próxima gestão saberá tratar disso com sabedoria, respeito e diálogo.

Sandra – A UFMG é grande, é sólida, tem história e respeita o trabalho das gerações passadas. E não se furtará aos desafios.

TRADUZIR DIFERENÇAS

O tradutor, teórico e crítico literário Márcio Seligmann-Silva vai ministrar, no próximo dia 19, às 14h, a aula magna do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Com o tema *Traduzir diferenças: críticas e paradoxos*, a aula será realizada no auditório 1007 da Faculdade de Letras, campus Pampulha. Professor da Universidade de Campinas (Unicamp), Seligmann-Silva ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura em 2006 e foi finalista na mesma premiação em 2000. Mais informações sobre a participação na atividade podem ser obtidas pelo e-mail poslit@letras.ufmg.br.

CINEMA

Até 27 de março, o projeto CineClássico, do Centro Cultural UFMG, exibirá, com entrada franca, uma seleção de filmes de diversos gêneros, consagrados pelo público e pela crítica. As sessões ocorrerão às terças e quintas, às 19h. Entre outras datas, no dia 20, será exibido *Vanhoé, o vingador do rei* (EUA, livre, 1952, 106'); no dia 22, *A noiva de Frankenstein* (EUA, livre, 1935, 75'); no dia 27, o faroeste *A face oculta* (EUA, livre, 1961, 191'). O Centro Cultural fica na Avenida Santos Dumont, 174, Centro. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-8280.

No campus Pampulha, a Biblioteca Central exibirá, até julho, na primeira quarta-feira de cada mês, filmes de animação, curtas e documentários que tratam de livros e bibliotecas e que envolvem as relações entre memória, lugar e tempo. As projeções serão no auditório do 4º andar da Biblioteca, das 10h às 11h30. O objetivo é proporcionar um espaço para divulgar documentos da Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras que possam fomentar discussões acerca dos filmes apresentados.

No dia 4 de abril, será exibida a animação *O segredo de Kells*. O curta-metragem *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris* é a atração do dia 2 de maio. No dia 6 de junho, será a vez do curta *A biblioteca*, de Jason La Motte. Para finalizar as atividades do primeiro semestre, será exibido, em 4 de julho, o filme *Toda a memória do mundo*, de Alain Resnais. Mais informações podem ser solicitadas pelo telefone (31) 3409-4615.

JUSTIÇA ESPACIAL

O professor Andreas Philippopoulos-Mihalopoulos [foto], da Universidade de Westminster (Reino Unido), vai ministrar, no próximo dia 22, às 18h, na Sala da Congregação da Faculdade de Direito, a conferência *Em busca da justiça espacial*. A conferência será em inglês, com tradução simultânea.

Será emitida declaração de comparecimento mediante solicitação. As inscrições devem ser feitas pela internet: <http://bit.ly/2CTvUG4>.

Convidado do Programa Cátedras Fundep/leat, Philippopoulos-Mihalopoulos vai se reunir com grupos de pesquisadores, ministrar workshops e participar de visitas guiadas a ocupações como a da Vila Acaba Mundo, onde são desenvolvidas ações do programa transdisciplinar Polos de Cidadania, que atua desde 1995 na promoção dos direitos humanos e na construção de conhecimento com base no diálogo entre os diferentes saberes.

De acordo com Philippopoulos-Mihalopoulos, a justiça espacial é uma ferramenta de resistência e, ao mesmo tempo, de criatividade, que tem servido à regeneração de ambientes de modos não tradicionais, em termos de economia, inovação, arranjos espaciais, práticas de propriedade, tendências ecológicas e outros.



INVENÇÃO E POESIA

Oficinas, performances, poesia sonora, livros de artista e outras obras compõem a programação do evento ZIP-Zona de Invenção Poesia &, que o Centro de Memória da Faculdade de Letras promove até 31 de março. Aberta ao público, a mostra tem curadoria do artista Ricardo Aleixo e de alunos e ex-alunos artistas da UFMG.

Às segundas e quartas-feiras, ocorrerão oficinas, performances e leituras em voz alta, entre outras atividades. Interessados em participar podem efetuar inscrição gratuita pela internet: <http://bit.ly/2oRSg5u>.

CANADÁ

Oportunidades de mobilidade internacional para alunos e docentes serão discutidas no próximo dia 22, às 12h, em palestra que será ministrada por representantes das universidades canadenses do Québec, Laval e Cegec Limoilou. Serão abordados processos de admissão, cursos oferecidos (graduação, especialização, mestrado e doutorado), bolsas de estudos e parcerias para pesquisa. O evento, promovido pela Diretoria de Relações Internacionais da UFMG, será realizado no auditório 3 da Faculdade de Ciências Econômicas, campus Pampulha. A palestra é aberta ao público, e não há necessidade de inscrição prévia.

ELEIÇÕES

Nos dias 3 e 4 de abril, a comunidade universitária vai eleger 17 representantes, entre servidores docentes e técnico-administrativos, para órgãos e comissões da UFMG.

Serão eleitos representantes, titulares e suplentes, para cargos no Conselho Universitário, Conselho de Curadores, Comissão Permanente de Pessoal Docente, Comitê de Ética em Pesquisa, Comitê de Ética no Uso de Animais, Conselho Diretor da Biblioteca Universitária e Conselho Diretor da Moradia Universitária. O mandato é de três anos a partir da homologação das eleições.

Para o processo de escolha, será instalada em cada unidade administrativa e acadêmica uma junta eleitoral/apuradora. Os postos de votação funcionarão no horário das 9h às 17h, ininterruptamente, exceto no Hospital das Clínicas, cujo horário será das 6h30 às 19h30, também de forma ininterrupta. Mais informações podem ser solicitadas pelo telefone (31) 3409-4587.

Para VIVER a UFMG

Seminários vão apresentar aos calouros possibilidades de atuação na Universidade; na abertura, jornalista falará sobre diversidade e inclusão

Ana Rita Araújo

Elementos para a construção de novos percursos, em um ambiente que respeite e estimule a diversidade, são o fio condutor da série de seminários Viver UFMG, que começa nesta quinta-feira, 15, no campus Pampulha. Na palestra de abertura, *Diversidade e inclusão: um olhar para o século 21*, o jornalista Jairo Marques pretende oferecer aos estudantes uma ampliação do entendimento a respeito da pessoa com deficiência e das diversidades.

“A ideia é pontuar como, atualmente, esse grupo social pode e deve ter amplo acesso ao trabalho, à cidadania, à educação para exercer os mais diferentes (e de sua vontade) papéis sociais”, explica o palestrante, que é colunista da Folha de S.Paulo.

Marques comenta que em nenhum tempo histórico a tolerância e os valores do diverso estiveram tão em evidência, mas adverte: “para que isso se concretize como ganho para a humanidade, é preciso sensibilidade para o atendimento de demandas específicas da diversidade física, sensorial e intelectual”. Em sua opinião, é necessário também encontrar formas de atender a essas demandas “com eficácia e sem eufemismos, como ter atitudes inclusivas sem demagogias”.

Após a palestra, que será realizada a partir das 19h, no Centro de Atividades Didáticas de Ciências Naturais (CAD 1), haverá sessão de autógrafos do livro *Malacabado, a história de um jornalista sobre rodas*. Os seminários Viver UFMG são destinados, sobretudo, aos calouros de graduação e, em algumas datas, vão integrar o calendário de atividades acadêmicas complementares, que substituem as aulas dos cursos noturnos.

Na sequência, no dia 3 de abril, a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) vai

promover a palestra *Viver a experiência de intercâmbio*, com informações sobre processos seletivos para mobilidade internacional e atividades como disciplinas e cursos de idiomas para fins acadêmicos. Os calouros vão conhecer programas de mobilidade como o Minas Mundi, criado e implementado em sua totalidade pela UFMG, para intercâmbio científico e cultural com instituições estrangeiras parceiras em todos os continentes. O evento será realizado às 12h30, no Centro de Atividades Didáticas de Ciências Humanas (CAD 2).

Novos percursos

No mesmo dia, às 19h, os calouros serão apresentados às Normas Gerais de Graduação, reformuladas com base em amplas discussões da comunidade universitária, do início de 2015 ao final de 2017. Na palestra *Você sabe como planejar sua trajetória curricular na UFMG?*, promovida pela Pró-reitoria de Graduação (Prograd), serão abordados conceitos e os novos percursos oferecidos pela Universidade. Ao promover formações inéditas, regidas pelas novas Normas, a UFMG pretende preparar profissionais para responder aos desafios de uma sociedade de crescente complexidade.

Ainda em abril, os seminários Viver UFMG abordarão as ações afirmativas e a relação entre universidade e sociedade por meio de atividades de extensão. No dia 9, no auditório da Faculdade de Medicina, o Programa Ações Afirmativas da UFMG e o trabalho realizado nessa área pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae) serão detalhados para os novos alunos. O mesmo tema será abordado no dia 18, às 19h, no CAD 2.

Também no dia 18, às 12h30, no CAD 2, os calouros serão informados sobre pro-



Jairo Marques: diversidade em evidência

cedimentos para atuar, como bolsistas ou voluntários, nas ações de extensão universitária, que podem resultar em publicações e produtos de caráter social, cultural, científico e tecnológico. Também vão conhecer uma figura adicional no ensino de graduação, criada em 2016: a Formação em Extensão Universitária, que possibilita que atividades relacionadas com projetos de extensão sejam incluídas em currículos de graduação. A ideia é que uma programação de atividades nos projetos seja formatada de maneira similar à de disciplinas, com previsão de cronograma, carga horária e processo avaliativo. Dessa forma, torna-se possível a inserção orgânica da extensão no ensino de graduação.

No dia 14 de maio, os seminários Viver UFMG vão apresentar as possibilidades de participar, ainda na graduação, de atividades de pós-graduação e de pesquisa – ambas as palestras serão realizadas no CAD 2, respectivamente às 12h30 e às 19h. No mesmo dia, os alunos de cursos noturnos poderão assistir, no auditório da Escola de Arquitetura, às 19h, a apresentação da Prograd sobre trajetória curricular.